

A DÉCADA DE 1850 E AS EPIDEMIAS QUE ASSOLARAM ITAPEMIRIM-ES

Laryssa da Silva Machado¹

Resumo: O presente artigo pretende realizar uma breve análise sobre as epidemias que assolaram a região de Itapemirim durante o século XIX, com destaque para as epidemias ocorridas durante a década de 1850. Ao longo dos Oitocentos, o mundo presenciou surtos epidêmicos causados pela revolução nos transportes. O encurtamento das fronteiras fez com que a circulação de pessoas, mercadorias e doenças cruzassem oceanos, alcançando vários continentes. Assim, o Espírito Santo e Itapemirim conheceram a varíola, a febre amarela e a cólera. Durante a década de 1850 a febre amarela e a cólera vitimaram uma série de pessoas em vários municípios da província, porém, Itapemirim, por ser o porto mais perto da Corte, além de porta de entrada para os males, foi uma das localidades com maior número de vítimas. A epidemia da cólera fez tantas vítimas na região, que foi preciso solicitar ao Imperador ajuda com alimentos, feita pelo Barão de Itapemirim. A quantidade de mortos por dia e os relatos de corpos esperando pelo sepultamento são amostras da situação caótica em que a região se encontrava.

Palavras-chave: História de Itapemirim, história das doenças, História do Espírito Santo.

THE DECADE OF 1850 AND THE EPIDEMICS THAT AFFECTED ITAPEMIRIM-ES

Abstract: The present article intends to make a brief analysis of the epidemics that affected the region of Itapemirim during the 19th century, especially the epidemics that occurred during the 1850s. Throughout the 19th century, the world witnessed epidemic outbreaks caused by the transportation revolution. The shortening of borders made the circulation of people, goods and diseases cross oceans, reaching several continents. Thus, the Holy Spirit and Itapemirim knew the smallpox, the yellow fever and the cholera. During the 1850s yellow fever and cholera victimized a number of people in several municipalities of the province. However, Itapemirim, as the port closest to the Court, as well as a gateway to the evils, was one of the number of victims. The cholera epidemic made so many victims in the region that it was necessary to ask the Emperor for help with food, made by the Baron of Itapemirim. The number of deaths a day and reports of bodies awaiting burial are samples of the chaotic situation the region was in.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2019). Especialista em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo e Psicopedagogia. Professora Efetiva da Rede Municipal de Educação de Marataízes-ES. (<http://lattes.cnpq.br/0665223820555661>). Email: assyral@gmail.com.

Keyword: History of Itapemirim, history of diseases, History of Espírito Santo.

Introdução

O século XIX inaugurou mudanças profundas no mundo e trouxe consigo uma série de epidemias como a febre amarela, varíola, malária, cólera e outras. "O aparecimento da navegação a vapor, as mudanças climáticas, a mutação de embriões foram motivos da disseminação dos surtos epidêmicos no século XIX"². As viagens mais rápidas permitiram que doenças chegassem de forma mais intensa em diversos lugares do planeta³.

Por conta disso, caracteriza-se os Oitocentos como o "século das epidemias"⁴ ou das pandemias. Doenças como peste negra, febre amarela, varíola, endêmicas como tuberculose, sífilis, tifo, febre tifoide, malária, sarampo, difteria, tosse convulsa (coqueluche), meningite, doenças sazonais como gripes, gastrites e disenterias, e as ocasionais como a hidrofobia (raiva), foram somadas a uma devastadora epidemia de cólera⁵.

As grandes epidemias, então, foram reflexo imediato do avanço tecnológico ocorrido durante esse século. A "diminuição do tamanho do mundo", fenômeno nunca antes presenciado, fez com que, pessoas, culturas, mercadorias, e também, agentes patológicos, viajassem por terra e por mar em rapidez nunca antes vivenciada. Tais problemas foram

² FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 42.

³ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 30.

⁴ FRANCO, Sebastião Pimentel; NOGUEIRA, André. A Província do Espírito Santo versus "Epidemias Reinantes": Ações de Estado e Mobilização Popular na passagem da Febre Amarela e do Cólera (1850-1856). In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, v. 65, n. 1, jan.-jun., 2012, p. 210.

⁵ ALMEIDA, Maria Antonieta Pires. A epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa. In: *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.18, n.4, out. -dez. 2011, p.1061.

acentuados pelo crescimento desordenado dos centros urbanos, sem saneamento básico, com consumo de alimentos e água em condições suspeitas⁶.

A divulgação de informações nesses períodos tornou-se questão de sobrevivência. A prevenção a essas doenças, através de cuidados com a higiene, eram medidas eficazes nas crises sanitárias. O discurso higienista deixou de ser acadêmico e tornou-se parte da vida privada. Em Portugal, o problema com epidemias fez com que houvesse legitimação do investimento público em equipamentos científicos⁷.

No Brasil, epidemias acima citadas fizeram inúmeras vítimas. O fenômeno do aumento da comunicação entre povos e nações pelo desenvolvimento tecnológico que se verificava em transportes e portos, foi acentuado em terras brasileiras pela chegada da Família Real portuguesa e a abertura dos portos as nações amigas. O Rio de Janeiro viu seu porto receber embaixadas estrangeiras, comerciantes, viajantes, profissionais europeus, além dos produtos importados. A vida social carioca tornou-se europeizada⁸, e as epidemias espalharam-se por inúmeros portos brasileiros.

A febre amarela foi uma das primeiras graves epidemias a alcançar o Brasil. Manifestou-se por volta de 1849 e se espalhou pela Bahia, Pernambuco, Pará, Alagoas, São Paulo, Rio Grande do Sul, alcançando praticamente todas as províncias. Por volta de 1855, a cólera chegou ao país através do Pará e espalhou-se pelo Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul,

⁶ FRANCO, Sebastião Pimentel; NOGUEIRA, André. A Província do Espírito Santo versus "Epidemias Reinantes": Ações de Estado e Mobilização Popular na passagem da Febre Amarela e do Cólera (1850-1856). In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, v. 65, n. 1, jan.-jun., 2012, p. 210.

⁷ ALMEIDA, Maria Antonieta Pires. As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918. In: *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*. Rio de Janeiro v.20, n.2, abr.-jun. 2013; v.21, n.2, abr.-jun. 2014, p. 690.

⁸ ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, Fernando Antônio, ALENCASTRO, Luiz Felipe. *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 35-36.

Ceará, Bahia, e outras províncias. Outra epidemia com grande repercussão foi a varíola⁹.

Ao longo do século XIX, quem dançava no Rio em fevereiro e março era a morte, a Grande Ceifeira. Febres intermitentes ocorreram na primeira metade do século, e a febre amarela torna-se endêmica a partir de 1850. Surtos de cólera e varíola também fustigam o Império nos anos 1850-60. [...] O fenômeno também teve efeitos graves na Bahia, cujos habitantes conheceram uma alta mortalidade na década de 1850. No mesmo contexto, o povo de Recife desfilava com a estátua de São Roque, o "advogado da peste", enquanto penitentes flagelavam-se no meio da rua¹⁰.

O governo imperial mobilizou-se para realizar ações em Saúde Pública. Foram criados órgãos como a Junta Central de Higiene do Império, sediada no império, e as Comissões de Higiene Pública, que atuavam nas Províncias. Também se criou a Academia Imperial de Medicina, no Rio de Janeiro¹¹. O "vômito negro", como era chamada a febre amarela, e o "mal do Ganges", nome popular da cólera, amedrontavam a população das localidades onde se alojavam, fato ocorrido também na Província do Espírito Santo.

O presente artigo pretende analisar as epidemias que assolaram a província capixaba, especificamente a região de Itapemirim. Localizada ao sul da província, Itapemirim era a região portuária mais próxima da Corte. Além disso, por ter uma economia agroexportadora, mantinha intenso fluxo comercial com o Rio de Janeiro. O Espírito Santo, apesar de não ser citado em trabalhos sobre o assunto, sofreu com inúmeras vítimas dessas epidemias

⁹ FRANCO, Sebastião Pimentel; NOGUEIRA, André. A Província do Espírito Santo versus "Epidemias Reinantes": Ações de Estado e Mobilização Popular na passagem da Febre Amarela e do Cólera (1850-1856). In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, v. 65, n. 1, jan.-jun., 2012, p. 210-213.

¹⁰ ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, Fernando Antônio. ALENCASTRO, Luiz Felipe. *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 67-68.

¹¹ FRANCO, Sebastião Pimentel; NOGUEIRA, André. A Província do Espírito Santo versus "Epidemias Reinantes": Ações de Estado e Mobilização Popular na passagem da Febre Amarela e do Cólera (1850-1856). In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, v. 65, n. 1, jan.-jun., 2012, p. 211.

e muitas delas faleceram em Itapemirim, conforme será analisado a partir de agora.

Os surtos epidêmicos capixabas

Como já descrito, o século XIX espalhou uma série de epidemias por todo mundo. No Brasil, inúmeras províncias como o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, dentre outras, tiveram centenas de vítimas dizimadas por tais doenças. Para a província do Espírito Santo não foi diferente, pois inúmeras doenças castigaram a população capixaba nesse período. Febres intermitentes, coqueluche, sarampo, diarreias, e outros males, levavam muitos moradores do Espírito Santo à morte¹². Mas foram a febre amarela, a varíola e a cólera as responsáveis pela maioria das mortes na província durante os Oitocentos¹³. A febre amarela apareceu no Espírito Santo no ano de 1850, a cólera no final de 1855, sendo os primeiros meses de 1856 o ápice do surto colérico¹⁴, e a varíola tem seus primeiros registros em 1847¹⁵.

A falta de saneamento básico que afetava o Brasil também era um problema no Espírito Santo. Vitória, capital provincial, não contava com água encanada nem rede de esgoto. Era uma cidade propensa aos surtos epidêmicos. No início do século XIX, o governo provincial já se preocupava com possíveis doenças, devido a insalubridade da província. Doenças como

¹² FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 44.

¹³ FRANCO, Sebastião Pimentel. Pânico e terror: a presença da cólera na Província do Espírito Santo (1855-1856). In: *Almanack*. Guarulhos-SP, n. 07, 1º semestre de 2014, p. 118.

¹⁴ NOGUEIRA, André Luis Lima; FRANCO, Sebastião Pimentel. Epidemias como notícias de jornais: Os casos de febre amarela e do cólera no Espírito Santo oitocentista (C. 1849-1856). In: *Catalão*, v. 17, n. 2, jan./jun., 2017, p. 39.

¹⁵ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 48.

febre intermitente, coqueluche, sarampo e diarreias, eram comuns nesse período, levando muitos a morte¹⁶.

Até meados de 1849 não havia acontecido nenhuma grande epidemia em terras capixabas. Em relatório a Assembleia Legislativa, o então presidente provincial Filipe José Pereira Leal, afirma que moléstias de caráter epidêmico não ocorriam na província, exceto os casos de bexiga que assolaram Itapemirim, assunto discutido no próximo tópico¹⁷. Medidas como a vacinação e contratação de profissionais de saúde foram tomadas para socorrer as vítimas de varíola da província¹⁸.

Em novembro de 1850, porém, a epidemia de febre amarela assola a província. Novamente chega pela região sul e rapidamente se espalha por outras localidades¹⁹. Segundo, Pereira Leal, presidente da província, a doença causou estragos, promoveu luto e tristeza na cidade de Vitória, e ceifou em todo o Espírito Santo cerca de 200 pessoas. O governo provincial tomou como medidas a nomeação de médico para se encarregar dos doentes pobres, e obteve do governo Imperial um outro, para tentar salvar mais vítimas²⁰.

No ano seguinte, as localidades de Santa Cruz e Linhares viram vários índios perecerem da doença. O governo imperial mandou que médicos

¹⁶ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 43-44.

¹⁷ Relatório com que o exm. sr. Filipe José Pereira Leal, presidente da província do Espírito Santo, abriu a sessão ordinária da respectiva Assembleia Legislativa no dia vinte e cinco de julho do corrente ano. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1850, p. 28. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/235/>. Acesso em 19 de julho de 2018.

¹⁸ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 49.

¹⁹ OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008, p. 368.

²⁰ Relatório com que o excelentíssimo senhor Filipe José Pereira Leal, presidente da Província do Espírito Santo, abriu a sessão ordinária da respectiva Assembleia Legislativa no dia vinte e três de maio do corrente ano. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1851, p. 14-15. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/236/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

baianos viessem às terras capixabas observar os estragos causados pela doença²¹. Além das localidades citadas, os municípios de Itapemirim, Guarapari, Vitória, São Mateus, Barra de São Mateus e Nova Almeida são citados nos relatórios provinciais por terem vítimas²². O surto de febre amarela teve duração de poucos meses, porém, devido à falta de serviços preventivos, principalmente na parte de higiene pública, a doença retornou em 1854 e 1858²³. Até as autoridades sabiam que não possuíam recursos para conter o mal. Atribuía à Providência Divina o fato de não ocorrerem mais casos nem mortes por conta da doença²⁴.

Por fim, no final de 1854, entre os meses de outubro e novembro, a cólera chegou ao Espírito Santo, espalhou-se por diversas localidades e deixou muitas vítimas²⁵. Já havia estudos que relacionavam a insalubridade e o ar pútrido com as epidemias, e, por conta disso, autoridades capixabas se preocupavam com possíveis surtos epidêmicos, uma vez que a província padecia desses males²⁶. A Coléria Morbus, segundo Franco²⁷, foi a doença que mais causou pavor, pelo número de mortes e pelo desconhecimento da doença.

²¹ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo* (1855-1856). Vitória: EDUFES, 2015, p. 49-50.

²² Relatório que o exm. presidente da província do Espírito Santo, o bacharel José Bonifácio Nascentes d'Azambuja, dirigiu a Assembleia Legislativa da mesma província na sessão ordinária de 24 de maio de 1852. *Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo*, 1852, p. 18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/237/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

²³ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo* (1855-1856). Vitória: EDUFES, 2015, p. 51.

²⁴ Relatório que o exm. presidente da província do Espírito Santo, o bacharel José Bonifácio Nascentes d'Azambuja, dirigiu a Assembleia Legislativa da mesma província na sessão ordinária de 24 de maio de 1852. *Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo*, 1852, p. 19. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/237/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

²⁵ OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008, p. 369.

²⁶ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo* (1855-1856). Vitória: EDUFES, 2015, p. 65.

²⁷ FRANCO, Sebastião Pimentel. *Pânico e terror: a presença da cólera na Província do Espírito Santo* (1855-1856). In: Almanack. Guarulhos-SP, n. 07, 1º semestre de 2014, p. 219.

Os municípios de Itapemirim, Vitória, Cariacica, Guarapari, Benevente, Piúma, Viana, Nova Almeida, Manguari, Carapina, Espírito Santo (Vila Velha), Itabapoana, Santa Cruz e Queimado foram vítimas da cólera, que no total ceifou 1.572 almas²⁸. Novamente a carência de médicos foi um problema. Ainda assim, antes que os casos ocorressem na província, tomou-se medidas para que a mesma não causasse estragos. Reuniu-se os profissionais de saúde para evitar que a doença chegasse ao território capixaba. O governo também solicitou médicos e medicamentos à Corte e foi atendido com quatro médicos e dois acadêmicos, além dos remédios²⁹. Medidas que não surtiram efeito, conforme o número de vítimas acima citados permite afirmar.

O Correio de Vitória, principal jornal capixaba da época, noticiava sobre as doenças. Tanto a febre amarela quanto a cólera receberam inúmeras notas em suas páginas. As reportagens traziam as denominações das doenças, como no caso da cólera, que era chamada de “judeu errante”, “mal de Ganges”, “Terribilíssimo mal do Oriente”, além de nomes genéricos que as duas doenças recebiam como “epidemia reinante”, “terrível flagelo” ou “peste”³⁰.

Além de descreverem as doenças com detalhes dos sintomas, os relatos feitos demonstram as crenças médicas da época, de fases das doenças onde as causas eram os gases pútridos³¹. Além disso, o jornal descrevia os cuidados e conselhos que deveriam ser tomados para que a

²⁸ Relatório que o exm. senr. presidente da província do Espírito Santo, o doutor José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, apresentou na abertura da Assembleia Legislativa Provincial, no dia 23 de maio de 1856. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. d'Azeredo, 1856, p. 11-12. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/241/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

²⁹ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p.66.

³⁰ NOGUEIRA, André Luis Lima; FRANCO, Sebastião Pimentel. Epidemias como Notícias de Jornais: os casos de Febre Amarela e do Cólera no Espírito Santo Oitocentista (C. 1849-1856). In: *Catalão*, v. 17, n. 2, jan./jun., 2017, p. 40-41.

³¹ NOGUEIRA, André Luis Lima.; FRANCO, Sebastião Pimentel. Epidemias como Notícias de Jornais: os casos de Febre Amarela e do Cólera no Espírito Santo Oitocentista (C. 1849-1856). In: *Catalão*, v. 17, n. 2, jan./jun., 2017, p. 41.

doença fosse evitada ou cuidada³². Também havia a questão religiosa, uma vez que, além da sociedade capixaba ser praticante do catolicismo, a falta de explicações para as causas da doença, proporcionava as demonstrações de fé. Procissões, missas, penitências e rezas eram noticiadas na esperança de conter o mal causado pelas enfermidades³³.

Franco e Nogueira destacam, também, que as ações referentes à saúde pública nesse período diziam respeito às autoridades locais, Câmaras Municipais e populações locais. Eram eles os responsáveis pela organização de comissões sanitárias, enfermarias e pelo provimento de remédios e tratamentos das ambulâncias. O governo provincial repassava os valores para as comissões sanitárias para que as mesmas organizassem os alugueis, compra de remédios, pagamento de profissionais, e outras despesas³⁴.

A ausência de profissionais de saúde dificultava o trabalho das comissões sanitárias. O número de médicos era muito pequeno, uma vez que só havia faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia. No Espírito Santo havia, em 1855, dois médicos e dois boticários. Por conta disso, curandeiras e benzedadeiras eram alternativas à população³⁵.

De fato, o Espírito Santo não estava preparado para a chegada das epidemias. Pela falta de infraestrutura e recursos disponíveis, muitas foram as vítimas de surtos epidêmicos, fenômeno ainda desconhecido da população capixaba, pelo menos nas proporções que a varíola, febre amarela e cólera deixaram. Itapemirim foi uma das regiões que mais sofreu com os surtos,

³² NOGUEIRA, André Luis Lima; FRANCO, Sebastião Pimentel. Epidemias como Notícias de Jornais: os casos de Febre Amarela e do Cólera no Espírito Santo Oitocentista (C. 1849-1856). In: *Catalão*, v. 17, n. 2, jan./jun., 2017, p. 46-47.

³³ FRANCO, Sebastião Pimentel. *Pânico e terror: a presença da cólera na Província do Espírito Santo (1855-1856)*. In: Almanack. Guarulhos-SP, n. 07, 1º semestre de 2014, p. 122.

³⁴ NOGUEIRA, André Luis Lima; FRANCO, Sebastião Pimentel. Epidemias como Notícias de Jornais: os casos de Febre Amarela e do Cólera no Espírito Santo Oitocentista (C. 1849-1856). In: *Catalão*, v. 17, n. 2, jan./jun., 2017, p. 218.

³⁵ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 66.

principalmente com a cólera. O tópico a seguir analisará com mais detalhes as passagens das doenças pela região, que deixou uma série de vítimas.

As epidemias que assolaram Itapemirim

Ao longo do século XIX, Itapemirim foi vítima de vários surtos de doenças e, portanto, estudar a região é uma tentativa de entender como tais surtos epidêmicos afetaram o Espírito Santo.

Moreno descreve que em 1832 surgiram as primeiras notícias de cólera na região. A Secretaria de Estado dos Negócios do Império informou ao presidente provincial, Ildefonso Joaquim Barbosa de Oliveira, sobre o aparecimento da doença em Paris, e pediu que os municípios litorâneos tomassem cuidado com as embarcações francesas. Mal sabiam as autoridades que, anos mais tarde, tal doença traria o caos a Itapemirim.

É importante ressaltar que, documentos que descrevem as causas mortis nesse período são escassos. Em Itapemirim, especificamente, os registros de óbito presentes na paróquia se iniciam no ano de 1859. Portanto, os anos de caos que o município vivenciou, principalmente com as epidemias causadas nas décadas de 1840 e 1850, não podem ser comprovados em tais documentos.

Em vários momentos, os presidentes da Província do Espírito Santo demonstraram preocupação com doenças que afetavam Itapemirim. Em 1848, o presidente Luiz Pedreira do Couto Ferraz relatou casos de varíola (bexiga) no município após ter assolado a vila de Guarapari. Foi “mais benigna e menos estragos causou”, segundo fala de Couto Ferraz³⁶. Uma

³⁶ RELATÓRIO do presidente da província do Espírito Santo, o doutor Luiz Pedreira do Couto Ferraz, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1.º de março de 1848. Rio de

das localidades atingidas pela varíola foi Cachoeiro, em 1847. Como medida protetiva para as demais localidades do município, as autoridades locais determinaram que fosse feito um cordão de isolamento para evitar o trânsito de pessoas de Cachoeiro para outras regiões³⁷.

O caos por conta da varíola foi tão intenso que o delegado de polícia de Itapemirim informou às autoridades provinciais que algumas pessoas estavam abandonando suas casas e fugindo para regiões mais interioranas³⁸. O médico e vereador Rufino Rodrigues da Lapa, na tentativa de amenizar a situação caótica, propôs, em 1849, que se construísse um cemitério para as vítimas da bexiga afastado da Vila. No mesmo ano, o governo enviou as vacinas para conter a doença na região³⁹.

As medidas tomadas pelas autoridades locais e provinciais não foram suficientes pois, em 1850, o então presidente Filipe José Pereira Leal, em seu relatório, citou casos de bexiga que mataram algumas pessoas em Itapemirim. Segundo ele, os casos de varíola foram uma exceção na província⁴⁰. Os casos da doença não deixaram de ocorrer na região ao longo do século XIX. Em 1874 e em 1887 outros surtos de varíola causaram inúmeras baixas na população. No último ano a preocupação com a doença foi tanta que, a Câmara Municipal nomeou um Delegado Sanitarista, Dr. José Moreira Gomes, na tentativa de controlar a epidemia⁴¹.

Janeiro, Typ. do Diário de N.L. Viana, 1848, p. 19. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/233/>. Acesso em 19 de julho de 2018.

³⁷ MORENO, Luciano Retore. *Itapemirim: Como tudo começou*. Serra: Formar, 2016, p. 82.

³⁸ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 48.

³⁹ MORENO, Luciano Retore. *Itapemirim: Como tudo começou*. Serra: Formar, 2016, p. 83.

⁴⁰ Relatório com que o excelentíssimo senhor Filipe José Pereira Leal, presidente da Província do Espírito Santo, abriu a sessão ordinária da respectiva Assembleia Legislativa no dia vinte e três de maio do corrente ano. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1851, p. 28. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/236/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

⁴¹ MORENO, Luciano Retore. *Itapemirim: Como tudo começou*. Serra: Formar, 2016, p. 83.

Ainda não recuperada da epidemia de varíola, Itapemirim tem seus primeiros casos de febre amarela. Em novembro de 1850 chega ao Sul do Espírito Santo, oriunda da cidade de Campos, e espalha-se por toda a província⁴². Pereira Leal, ao falar sobre a doença, exalta a salubridade da província, mas que, ainda assim, sofreu junto com outras, desse flagelo. Vitória, como já descrito, foi região mais atingida por esse mal⁴³.

Esta província que, em quantos as demais do nosso litoral lutarão com o terrível flagello da febre amarella, gozou de sua reconhecida, e invejada salubridade, vio-se a final, em novembro próximo passado, vizitada e assolada, como suas outras irmãs, por esse padecimento que, sendo no meu entender, importado da cidade de Campos pelas villas do Sul, aqui veio localizar-se fazendo nessa capital sua desastroza residência por quase cinco mezes consecutivos, causando estragos, promovendo o lucto e a tristeza, e ceifando em toda província mais de 200 vidas⁴⁴.

No relatório de 1852, José Bonifacio Nascentes d'Azambuja informa que o município foi vítima de febre amarela, entre novembro e dezembro do ano anterior. Também relata sua preocupação em relação à doença, já que a falta de recursos na área da medicina impedia o tratamento. Cita, ainda, que só havia professores de saúde na Capital e em Itapemirim, sendo

⁴² OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008, p. 368.

⁴³ Relatório com que o exm. sr. Filippe José Pereira Leal, presidente da província do Espírito Santo, abriu a sessão ordinária da respectiva Assembleia Legislativa no dia vinte e cinco de julho do corrente ano. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1851, p. 28. Disponível <http://ddsnext.crl.edu/titles/167#?c=0&m=22&s=0&cv=11&r=0&xywh=-1527%2C-125%2C4717%2C3327>. Acesso em 19 de julho de 2018, p. 14.

⁴⁴ Relatório com que o exm. sr. Filippe José Pereira Leal, presidente da província do Espírito Santo, abriu a sessão ordinária da respectiva Assembleia Legislativa no dia vinte e cinco de julho do corrente ano. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1851, p. 28. Disponível <http://ddsnext.crl.edu/titles/167#?c=0&m=22&s=0&cv=11&r=0&xywh=-1527%2C-125%2C4717%2C3327>. Acesso em 19 de julho de 2018, p. 14.

3 naquela e 2 neste município, além da falta de progressos em relação às vacinas⁴⁵.

Os casos na região sul despertaram a atenção as autoridades locais. Em 1851 o médico Rufino Rodrigues Lapa foi nomeado como encarregado no tratamento das pessoas atingidas pela febre. Aparentemente a febre amarela deixou de fazer vítimas nos anos seguintes, porém retorna em 1869 em Itapemirim, assolando os distritos de Brejo dos Patos e Rio Muqui. Moreno destaca que a Câmara Municipal criava comissões específicas para conter as doenças, promover ações e socorrer as vítimas, especialmente os indigentes⁴⁶.

Nos relatórios provinciais seguintes, aparentemente não são citados casos de varíola ou febre amarela relacionados a Itapemirim. Mas, Evaristo Ladislau e Silva, presidente provincial em 1853, apresenta diversos casos de coqueluche e alguns poucos de sarampo que se espalharam na região sul, causando a morte de muitas pessoas, principalmente de crianças⁴⁷.

O estrago da cólera morbus em Itapemirim

Mas nenhuma doença causou tanto pavor e mortes como o surto de cólera morbus. A mesma adentrou na província em novembro de 1854 e levou milhares de vítimas ao túmulo⁴⁸. Em relatório apresentado no dia 8 de março de 1856, o vice-presidente provincial em exercício, Barão de

⁴⁵ Relatório que o exm. presidente da província do Espírito Santo, o bacharel José Bonifácio Nascentes d'Azambuja, dirigiu a Assembleia Legislativa da mesma província na sessão ordinária de 24 de maio de 1852. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1852, p. 18-19. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/237/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

⁴⁶ MORENO, Luciano Retore. *Itapemirim: Como tudo começou*. Serra: Formar, 2016, p. 83-84.

⁴⁷ Relatório que o exm. sr. presidente da província do Espírito Santo, o dr. Evaristo Ladislau e Silva, dirigiu á Assembleia Legislativa da mesma província na sessão ordinária de 23 de maio de 1853. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. D'Azeredo, 1853, p. 18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/238/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

⁴⁸ OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008, p. 369.

Itapemirim, fala sobre a extinção da cólera em solo capixaba, com alguns poucos casos em Vianna e Cariacica. Segundo ele, logo que se teve notícias dos estragos causados na cidade de Campos, o mesmo reuniu um médico e dois cirurgiões na tentativa de evitar a chegada do mal a província. Itapemirim foi uma das primeiras localidades atingidas pela doença e também uma das que receberam as comissões sanitárias nomeadas pelo Barão⁴⁹.

Joaquim Marcelino da Silva Lima, o Barão de Itapemirim, escreve o relatório nesta cidade, pois ao referir-se a mesma destaca que ali se encontrava. Assim, descreve os primeiros casos de cólera que foram presenciados na região:

Nesta cidade, o primeiro caso fatal deo-se na pessoa do estafeta Leocadio, que condindo a mala de correio de Campos, aqui chegou enfermo a 23, e falecêo a 26 de novembro. O segundo verificou-se a 6 de dezembro em uma escrava de Augusto Adolpho Palhares dos Santos, e de 15 deste mês em diante manifestou-se o mal com intensidade até fim de janeiro, em que começou a declinar. Sepultarão-se nesta cidade 358 cholericos, sendo 18 o máximo dos falecidos diariamente, à que chegou⁵⁰.

Segundo Silva Lima, até março de 1856 já haviam falecido 358 pessoas, com registro máximo de 18 óbitos por dia. Nos meses seguintes, outras mortes seriam contabilizadas causadas pela cólera. Meses antes

⁴⁹ Relatório que o exm. sr. primeiro vice-presidente da província do Espírito Santo, o Barão de Itapemirim, entregou a administração da mesma ao excelentíssimo senhor Dr. José Maucício Fernandes Pereira de Barros no dia 8 de março de 1856. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. D'Azeredo, 1853, p. 4-5. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u129/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

⁵⁰ Relatório que o exm. sr. primeiro vice-presidente da província do Espírito Santo, o Barão de Itapemirim, entregou a administração da mesma ao excelentíssimo senhor Dr. José Maucício Fernandes Pereira de Barros no dia 8 de março de 1856. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. D'Azeredo, 1853, p. 5-6. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u129/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

desse relatório, ainda em 1855, o subdelegado de Itapemirim pede às autoridades provinciais o envio de médicos e medicamentos, para serem pagos com dinheiro do cofre nacional, já que a Câmara não dispunha desse valor. Já havia a preocupação com possíveis vítimas, uma vez que em Campos estava alastrada da doença. Conforme Silva Lima descreve em seu relatório, as medidas pedidas em Itapemirim foram realizadas, mas não capazes de conter a doença.

Em relatório seguinte ao produzido pelo Barão, também no ano de 1856, outras informações macabras sobre mortes em Itapemirim aparecem. Segundo o presidente provincial José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, a cólera morbus havia atingido todo o Império e causado grandes estragos na província. Entre setembro de 1855 e abril de 1856, foram 1.572 mortos em todo território capixaba, sendo que 458 vítimas residiam em Itapemirim. Pereira de Bastos tenta amenizar a situação da província, já que, para ele, “a Divina Providência, que vela nos destinos desta província, não permitiu que os estragos produzidos fossem tão consideráveis como em algumas de suas irmãs”⁵¹.

A forma avassaladora como a doença chegou ao sul do Espírito Santo fez com que o governo provincial enviasse médicos para tentar conter o mal. Segundo Franco foram cinco médicos e vários medicamentos, mais recursos que outras localidades receberam. Mas as mortes foram muitas. Só na vila principal foram 11 mortes e na Fazenda Muqui, que pertencia ao Barão de Itapemirim, foram 28 escravos mortos. Além das muitas mortes em

⁵¹ Relatório que o exm. senr. presidente da província do Espírito Santo, o doutor José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, apresentou na abertura da Assembleia Legislativa Provincial, no dia 23 de maio de 1856. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. d'Azeredo, 1856, p. 11-12. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/241/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

todo município, a fazenda do Vice-Presidente Provincial estava sendo dizimada pelo “mal do oriente”⁵².

A quantidade de vítimas, incluindo escravos, fez com que a região fosse privada de alimentos. Possivelmente, a mão de obra destinada à produção dos mesmos estava doente ou já havia falecido. Além do que, as relações comerciais ficaram abaladas, pois muitos navegadores eram transportadores do vírus. A escassez de alimentos fez com que o barão de Itapemirim solicitasse ajuda ao governo provincial. “Em 1856, atendendo a um pedido do Governo local, o imperial mandou cinquenta arrobas de carne seca para atender aos necessitados de Itapemirim”⁵³. A “benevolência” do barão foi noticiada pelo Correio de Victoria, uma vez que o mesmo demonstrou muito zelo ao cuidar dos males que afligiam essa infeliz vila⁵⁴.

Pereira Bastos também cita em seu relatório ajuda que Itapemirim recebeu nesse período de crise. O presidente provincial agradece pessoalmente ao cidadão Gabriel Pinto de Almeida por doar charque à região, e destaca a benevolência do Imperador.

Tratando da saúde publica não posso deixar de mencionar dous factos importantes que lhes são relativos. O primeiro refere-se a generosidade com que o cidadão Gabriel Pinto de Almeida se prestou a mandar, gratuitamente, uma grande porção de xarque para o alimento da pobreza de Itapemirim, fazendo também à sua custa todas as despesas de frete e transporte desse gênero para esta província. Entretanto que em procedimento tão digno e louvável não devera ser recebido com indiferença, offereci a este prestimoso cidadão agradecimento em nome da província tão importante e generosa oferta. O outro facto de que fiz menção e para o qual invoco toda a vossa atenção, é de uma esphera mais alta, e falta a

⁵² FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 69.

⁵³ OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008, p. 369.

⁵⁴ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 69.

todos os corações dos Brasileiros: refere-se ao Acto pelo qual Sua Magestade o Imperador se Digno a Mandar socorrer, com seus meios próprios, as pessoas e famílias desvallidas e indigentes que soffrerão da epidemia reinante nesta província. Não tenho expressões Srs., com que possa dignamente exaltar tão feliz inspiração que realça a generosidade do donativo, e a consideração de que a manificencia Imperial se estendara também as outras províncias do Império. Só me cumpre apresentar-vos o testemunho de minha admiração e reconhecimento por esse procedimento tão magnanismo do Imperador, e vós Srs., sem dúvida me acompanhareis na effusão destes sentimentos⁵⁵.

O presidente não cita o pedido feito pelo Barão ao Imperador, mas agradece toda a benevolência da Majestade Imperial por ter desprendido de seus bens pessoais para ajudar a província. Como o surto em Itapemirim foi avassalador, o governo imperial enviou um médico à localidade, Antonio Nascimento e Silva, que relatou ao presidente da província a situação da região

O estado da Villa de Itapemirim no dia 10 de dezembro em que lá cheguei, era o mais desgraçado! Os cadáveres jazião por muitas horas insepultos, a epidemia lavrava com grande intensidade em toda a Villa. Havia uma enfermaria, que recebia os enfermos, porem sua má localidade, e o acanhamento da casa, obrigou-me a offciar a V. Ex. de prompto o seu sobrado na praça, e por essa ocasião enviou mais dinheiro, medicamentos e colxas. No sobrado de V. Ex. foi creada a enfermaria, com que concordarão os directores da outra, que não attingiu os fns desejados, concluindo eu d'ahi, eu estavam de accordo a aceitar os auxílios do governo, tanto mais que estabelecida esta nova enfermaria no sobrado de V. Ex., não havia necessidade de outr. Mandando eu medicamentos e colxas para o hospital não acceitarão; – entendi-me à respeito com o presidente da commissão sanitária, o padre José Fellipe Pinheiro, que convocando uma reunião em casa de M.J d'Araújo Machado, tivemos de ouvir ahi a declaração, de guinada por ora querião do governo, concluindo depois de differentes reflexões de pessoas presentes, que acceitarião tudo, quando se acabasse o dinheiro que tinhão; em caixa. He preciso notar que nessa ocasião já a

⁵⁵ Relatório que o exm. senr. presidente da província do Espirito Santo, o doutor José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, apresentou na abertura da Assembleia Legislativa Provincial, no dia 23 de maio de 1856. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. d'Azeredo, 1856, p. 1-132. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/241/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

enfermaria estava na casa de V. Ex, com o respectivo medico e um servente pago pela comissão sanitária. Os medicamentos deposei parte em casa do Dr. Cunha, e parte à minha disposição, notando-se que o Dr. Antonio Pinto da Cunha, commissionado pelo governo, não só estava a testa d'aquella enfermaria, como continuava a prestar aos enfermos medicamentos que irão do governo. As quantias mandadas por V. Ex. pôr a disposição da Comissão foi de 1:1000\$rs, que regularmente iaõ sendo distribuídas pelos pobres. Das ofertas particulares nada sei, a excepção de seis escravos que o tenente-coronel Heliodoro poz à minha disposição, um garrote e mais seis arrobas de assucar, que forão distribuídos pelos pobres, e do coronel Gomes que me prometteo mandar seos escravos fazer a mudança do cemitério. São os donativos que durante a minha estada nella recebi. Actualmente os doentes do hospital são os escravos do fazendeiro Póvoa, que recebem alli tractamento mediante a quantia de 1:500 rs diários, segundo me consta⁵⁶.

O relato acima descreve a caos que a cólera instaurou em Itapemirim, com corpos ainda por enterrar, enfermaria improvisada e a relutância das autoridades e pessoas mais abastadas em usar o dinheiro em caixa que o município guardava. A doença só abrandou em 1856, com alguns casos ocorrendo no interior e nos arredores da vila⁵⁷. Nas fazendas, o número de mortos foi altíssimo, superando as que ocorreram no centro, embora o aparecimento tenha ocorrido às margens do rio Itapemirim⁵⁸.

Em relatos da comissão sanitária de Itapemirim aparecem muitas reclamações sobre a ignorância do povo diante dos protocolos para evitar a doença. Para eles, esse era o principal problema da continuidade da epidemia e pelo excessivo número de mortos. Responsabilizavam o povo, ao mesmo tempo que tentavam tirar das autoridades a responsabilidade pelo surto.

⁵⁶ APEES, 18 jan. 1856, apud, FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 69-71.

⁵⁷ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 71.

⁵⁸ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 72.

Afirmavam que os moradores locais não ouviam as recomendações das autoridades e ainda relutavam em buscar socorro, só procurando atendimento, recorrendo ao médico, quando o seu estado de saúde era desesperador, quando “todas as applicações são infrutíferas, e o doente [era] uma victima morta”⁵⁹.

A população, porém, criticava a inabilidade do governo em resolver o problema da doença. Por isso, resolveram por conta própria, recorrer à caridade, e montaram uma enfermaria na cidade para atender os indigentes atacados pela cólera⁶⁰. Em um abaixo assinado enviado ao governo provincial a população reclamava “que a única enfermaria existente n'esta Villa [...] e a mesma creada por esmolas dos habitantes d'este município, a qual acha-se funcionando desde 17 de novembro do anno p. p sem que até hoje n'ella se tenha recebido o mínimo soccorro do governo provincial.”⁶¹

Os mais pobres, principalmente os cativos, foram as principais vítimas da doença no Espírito Santo, e também em Itapemirim. Franco acredita que o fato dos escravos de uma mesma fazenda viverem muito próximos e dividirem utensílios e objetos pessoais, facilitava a doença. Assim, as maiores escravarias também foram aquelas com maior número de vítimas. Como a cólera é transmitida por meio de restos de comida ou secreção das fezes, a baixa condição de higiene dos cativos possibilitou o contágio da doença⁶².

A tabela a seguir apresenta o número de escravos mortos nas fazendas de Itapemirim em dezembro de 1855. A fazenda mais atingida foi a do barão de Itapemirim, político mais influente da localidade e dono da

⁵⁹ APEES, 1855, apud FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 98.

⁶⁰ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 192-193.

⁶¹ CORREIO DE VITÓRIA, 19 jan. 1856, apud FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 193.

⁶² FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terribilíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 175.

maior escravaria da região⁶³. A quantidade de cativos mortos de uma só vez em sua fazenda é enorme.

TABELA 01: número de escravos mortos por fazenda em Itapemirim (dezembro de 1855)

FAZENDA	QUANTIDADE
Engenho Colheres de Firmino	02
Engenho Limão do Major Dias da Silva	03
Engenho Coroa da Onça do Cel. Bittencourt	03
Engenho Vermelho de Tavares de Brum e Silva	09
Engenho Cotia de Rodrigues Barboza	09
Engenho Poço Grande do Senhor Povoas	15
Engenho Boa Vista da Viúva Bello em 15 dias	19
Engenho Moqui do Barão de Itapemirim	40

Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo Governadoria. Série 383. Livro 202. Relação de escravos mortos em fazendas no Município de Itapemirim, datada de 9 de janeiro de 1856, apud FRANCO, 2015, p. 175.

O medo do contágio fazia com que os corpos das vítimas fossem abandonados em valas ou enterrados em covas rasas. Em Itapemirim, a população mais abastada estava obrigando escravos e policiais realizarem

⁶³ Segundo a Lista Nominal da População da Vila de Itapemirim, 1833, Joaquim Marcelino da Silva Lima possuía 303 escravos na Fazenda Muqui.

o trabalho dos coveiros, enterrando os corpos que se avolumavam⁶⁴. O caos instaurado em Itapemirim por conta da cólera resultou em muitas mortes e problemas econômicos, já que boa parte da mão de obra cativa havia falecido, além de problemas no abastecimento de alimentos e fome. Para entender melhor os resultados da epidemia são importantes analisar os dados populacionais de Itapemirim no período estudado, conforme se verá a seguir.

O reflexo das doenças nos dados populacionais

Analisar mapa de mortos nas décadas de 1840 e 1850 traz uma dimensão dos estragos causados pela varíola, febre amarela e, principalmente, a cólera.

TABELA 2: número de batismos e óbitos em Itapemirim (1842-1857)

ANO	BATISMOS				ÓBITOS			
	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL	TOTAL ES	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL	TOTAL ES
1842	111	131	238 (14%)	1.682	62	127	179 (17%)	1.009
1843	103	147	250 (14%)	1.770	71	120	191 (23%)	821
1844	77	135	212 (15%)	1.364	49	114	163 (20%)	796

⁶⁴ FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015, p. 186.

1845	81	80	161 (11%)	1.418	29	50	79 (10%)	763
1846	174	130	304 (16%)	1.823	85	56	117 (11%)	1.076
1847	104	118	222 (15%)	1.431	44	68	112 (13%)	826
1851	101	192	293 (17%)	1.729	63	55	118 (13%)	888
1852	182	129	311 (21%)	1.459	75	81	156 (14%)	1.100
1855	102	46	148 (8%)	1.755	297	296	593 (38%)	1.554
1857	—	—	317 (18%)	1.773	—	—	98 (11%)	876

Fonte: RELATÓRIOS e FALAS dos presidentes e vice-presidentes provinciais do Espírito Santo nos anos de 1843, 1844, 1845 e 1846, 1848, 1852, 1854, 1857, 1858.

Em 1847, ano em que se iniciou a epidemia da varíola, cerca de 112 pessoas vieram a óbito em Itapemirim, cerca de 13% do total de mortos na província. Nos anos seguintes, em que a epidemia continuou ceifando vidas, não se tem dados para fazer a comparação. Já nos anos em que a epidemia de febre amarela esteve em vigor, 1851-52, cerca de 13% e 14% das mortes capixabas ocorreram em Itapemirim. O quantitativo de mortos nesses anos, muitos dos quais foram vítimas das duas epidemias citadas, não representam quantitativo grande diante do total de mortos no Espírito Santo. Em outros anos, como em 1843 e 1844, os óbitos em Itapemirim representaram 23% e 20% do total provincial, número bem acima dos encontrados durante nos anos de 1847, 1851 e 1852.

Destaque mesmo merece o ano de 1855, auge do surto epidêmico do cólera nas terras itapemerinenses. Segundo levantamentos presentes nos relatórios provinciais, foram 593 óbitos, cerca de 38% da mortalidade estadual naquele ano. É certo que nem todas as almas ceifadas nesse ano

foram vítimas da cólera. Porém, mais de um terço de todos os falecidos na província capixaba morreram em terras próximas ao Rio Itapemirim. Esses números trazem a dimensão do que foi a passagem da cólera por essas terras.

Outras doenças são relatadas em décadas subsequentes. Em relatório apresentado por José Maria do Valle Júnior, em 1868, o presidente cita epidemia de varíola que acometeu Itapemirim em julho daquele ano. Como medida, Valle Júnior enviou o inspetor de saúde pública, Dr. Ernesto Mendo de Andrade e Oliveira a Itapemirim, que deixou o médico local, Dr. Clímaco Barboza, responsável pelo tratamento dos indigentes vítimas dessa doença⁶⁵.

No ano seguinte, o presidente Luiz Antônio Fernandes Pinheiro cita a epidemia e os esforços feitos pelo Dr. Clímaco Barboza para evitar que a doença se alastrasse, além de medicar os adoentados. Fernandes Pinheiro nomeou uma comissão que era formada pelo presidente da Câmara Municipal, pelo delegado de polícia e pelo Dr. Cândido Joaquim da Silva, para ajudar no tratamento, uma vez que essa “preencheria com maior facilidade o dever de ministrar prontamente os socorros reclamados pela intensidade do mal”⁶⁶.

Porém, o surto de varíola de 1868 não pode ser comparado às epidemias ocorridas na década de 1850. Os relatos referentes à febre amarela são impactantes, mas não se comparam com os estragos promovidos pela cólera. A situação foi caótica, com corpos a espera do

⁶⁵ Relatório com que o Exm. Sr. Dr. José Maria Valle Júnior entregou a presidência da Província do Espírito-Santo no dia 1 de setembro de 1868 ao Exm. Sr. Dr. Luiz Antônio Fernandes Pinheiro. Victoria, Typ. Capitaniense de P.A. D'Azeredo, 1868, p. 4. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u141/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

⁶⁶ Relatório com que foi aberta a sessão ordinária da Assembléa Legislativa da província do Espírito Santo pelo exm. sr. presidente, Dr. Luiz Antonio Fernandes Pinheiro, no anno de 1868. Victoria, Typ. do Correio da Victoria, 1869, p. 14. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/256/>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

enterro, dezenas de registros de mortos no mesmo dia, enfim, cenas quase apocalípticas descritas nos relatos descritos nesse trabalho.

Considerações Finais

O encurtamento do mundo no século XIX causou tantos estragos quanto benefícios ao mundo globalizado que estava surgindo. A diminuição das distâncias e a possibilidade de transporte rápido de pessoas e mercadorias fez com que a economia mundial atingisse índices antes nunca esperados, ao mesmo tempo que fez girar vírus e bactérias por inúmeros continentes, o que causou surtos epidêmicos em vários países do mundo.

O Brasil, um dos países participantes das novas rotas comerciais, viu várias de suas províncias portuárias sofrerem com epidemias de febres intermitentes, varíola, febre amarela e cólera. Como já citado nesse trabalho, a morte era quem dançava nas festas das cidades portuárias, como Rio de Janeiro e Recife, ao ceifar inúmeras vidas vítimas das doenças.

O Espírito Santo, apesar de pouco citado quando se refere aos casos epidêmicos no Brasil, teve inúmeras vítimas de doenças. A varíola ou bexiga, primeira grande epidemia capixaba, ceifou muitas almas, sendo seguida pela febre amarela, que causou grandes estragos principalmente na cidade de Vitória, e, por fim, a cólera morbus, que ceifou mais de 1.500 vítimas e se espalhou por vários municípios. A insalubridade capixaba somada à falta de médicos foi cenário perfeito para desenvolvimento dessas doenças.

Itapemirim foi um dos municípios com mais vítimas, seja com a varíola, que começou a causar danos no final da década de 1840 e voltou a recorrer em outros períodos, seja com a febre amarela, que adentrou na província graças as relações existentes entre Itapemirim e Campos, e por fim, com a cólera, que ceifou mais de 500 almas na região sul. Os relatos

descrevendo 18 mortos por dia, ou os corpos a espera de serem enterrados, no aguardo de quem o fizesse, demonstram o caos que a cólera impetrou em Itapemirim.

Enfim, Itapemirim, bem como a província do Espírito Santo, não estão alheias aos eventos ocorridos em escala mundial e nacional. O evento mundial dos surtos epidêmicos ocorreu em Itapemirim, causou muitas mortes, fez com que o município carecesse de caridade de cidadãos abastados e até mesmo dos provimentos do Imperador, o que demonstra a preocupação que a região despertava nos governos provincial e imperial.

REFERÊNCIAS

- Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Lista Nominal da População da Vila de Itapemirim, 1833. Fundo Governadoria. Livro 54.
- ESPÍRITO SANTO (Estado). Presidentes de Província (1833-1888). *Relatórios de Presidentes da Província do Espírito Santo*. Disponível em http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/esp%C3%ADrito_santo.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, Fernando, ALENCASTRO. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 11-94.
- ALMEIDA, M. A. P. A epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa. In: *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.18, n.4, out. -dez. 2011, p.1057-1071.
- ALMEIDA, Maria Antônia Pires de. As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918. In: *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*. Rio de Janeiro v.20, n.2, abr.-jun. 2013, p.653-673; v.21, n.2, abr.-jun. 2014, p.687-708.
- FRANCO, S. P.; NOGUEIRA, A. A Província do Espírito Santo versus "Epidemias Reinantes": Ações de Estado e Mobilização Popular na passagem da Febre Amarela e do Cólera (1850-1856). In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, v. 65, n. 1, p. 207-233, jan.-jun., 2012.
- FRANCO, S. P. Pânico e terror: a presença da cólera na Província do Espírito Santo (1855-1856). In: *Almanack*. Guarulhos-SP, n. 07, p. 117-136, 1º semestre de 2014.
- FRANCO, S. P. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015.
- MORENO, L. R. *Itapemirim: Como tudo começou*. Serra: Formar, 2016.
- NOGUEIRA, A. L. L.; FRANCO, S. P. EPIDEMIAS COMO NOTÍCIAS DE JORNAIS: OS CASOS DE FEBRE AMARELA E DO CÓLERA NO ESPÍRITO SANTO OITOCENTISTA (C. 1849-1856). In: *Catalão*, v. 17, n. 2, p. 37-51, jan./jun., 2017.

OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

Artigo recebido em 21/05/2020 e aprovado em 11/08/2020.